

PINHEIRO, Alisson Bernardo, UERJ/FFP, (aluno de mestrado). *Da capoeiragem à academia: a formação da capoeira moderna no Rio de Janeiro*.

**Resumo:** Como manifestação cultural e representação da identidade brasileira construída ao longo do século XX, a capoeira é prática esportiva, luta, dança, música e para muitos uma filosofia de vida. A capoeiragem no Rio de Janeiro conquistou poder e fama no período do Império, fora perseguida e desarticulada no início da República, mas sobreviveu dentro da cultura popular, sobretudo ligada a malandragem, e nas tentativas de esportização da prática. A partir de meados do século XX se expandiu através de uma narrativa modernizante. Abordaremos o momento em que capoeira carioca retoma seu crescimento no Rio de Janeiro, formando um modelo que progressivamente vai se internacionalizando. Para perceber esta formação analisamos a partir da contribuição da memória oral dos alunos do mestre Paraná (Osvaldo Lisboa da Silva) a construção de uma rede de praticantes da capoeira na zona norte da cidade carioca, e conseqüentemente suas agências, com o intuito de lançar novos olhares e questionamentos sobre a capoeira e sua “modernidade”.

Temos hoje em torno da capoeira um constante debate sobre suas identidades, suas raízes e memórias, sobre as trajetórias de diversos dos seus personagens que capoeiristas, pesquisadores e curiosos buscam como referência para suas atividades e discursos. Este debate pode ser encarado sob duas perspectivas: uma interna e outra externa. Dentro do universo capoeirista estas diferentes identidades são recorridas constantemente combinadas a interesses, pessoais ou coletivos, para justificar tradições que são a todo instante reinventadas. São reinventadas em resposta as demandas criadas nas relações entre seus agentes, como também nas relações deste universo com as varias realidades sociais em que estão inseridas. Na perspectiva externa do debate – sobre as identidades presentes na História da capoeira – pensadores diversos, antropólogos, historiadores, sociólogos, pedagogos, profissionais de Educação Física, questionam a construção das tradições da capoeira abrindo assim novas possibilidades de se encarar o passado e o presente desta complexa manifestação cultural brasileira, bem como interagindo com os seus projetos. Ainda temos aqueles que transitam entre estes dois pólos, entre o mundo acadêmico e a prática capoeirista, o que é muito comum e enriquecedor ao debate.

A partir dos depoimentos dos alunos do mestre Paraná (Osvaldo Lisboa dos Santos) estamos levantando questões que problematizam as tradições da capoeira, que apesar de ser uma manifestação cultural múltipla e apresentar diferenças regionais e de linhagens, hoje é notada e representada, não apenas por expectadores mas também por grande parte de seus praticantes, em sua unicidade cultural. Existe um discurso modernizante que ganha força em meados do século XX que se confunde com o processo de mundialização da capoeira, exigindo-lhe um razoável grau de generalidade. Não são apenas as demandas mercadológicas que lhe imprime a necessidade de uma identidade coesa e bem definida, mais também toda a gama de transformações sociais sofridas durante o período.

Nas entrelinhas e nas omissões do discurso oficial sobre a história da capoeira, onde a tradição baiana e seus ilustres personagens é apresentada com especial destaque, alguns fatores foram negligenciados, caindo estes no esquecimento ou sendo desprezados na reinvenção da(s) tradição(ões)<sup>1</sup> da capoeira moderna. Como esclarece Catroga o jogo de lembrar e esquecer, é característico da memória, “sempre seletiva”, e “quanto maior for a dimensão coletiva e histórica da memória, maior será a margem para a sua ‘invenção’ e para o seu uso e abuso”<sup>2</sup>. O discurso oficializado como “tradição da capoeira” é verificável através de publicações especializadas e mídias que trabalham com o tema (revistas, literatura, vídeos, filmes, documentários, propaganda turística, paginas especializadas na internet), como também nos espaços próprios às práticas da capoeira (academias, rodas, eventos diversos), principalmente através da tradição oral. Até mesmo algumas obras acadêmicas, principalmente as pioneiras,

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>2</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001. p.23

caem na mesma armadilha de legitimar a “reinvenção da tradição” capoeirista, onde a vertente baiana figura como berço solitário da prática moderna. O nosso problema é entender como a tradição carioca figurou na formação da capoeira moderna e até que nível suas heranças penetraram na estrutura que resultou do contato entre as diferentes vertentes regionais.

Acreditamos, com bases na tradição oral, como também em parte na crescente bibliografia sobre o tema, que a migração de capoeiristas baianos para o Rio de Janeiro foi crucial na formação de uma rede de grupos de capoeira, e que destes sairiam à base do que hoje é praticado como capoeira não só na cidade carioca como no resto do mundo. Entendemos que este processo se dera através da relação complexa entre diferentes modalidades ou “escolas” da capoeira, com destaque para a capoeira carioca e para a capoeira baiana, que dentro do contexto de modernização social do país (relacionado à formação de uma economia e poderes progressivamente inseridos no mundo capitalista) vão assistir o estreitamento ou – para usar os termos de David Harvey<sup>3</sup> – a compressão do espaço/tempo existentes entre si. Passando assim a um contato cada vez mais intenso, uma aproximação de suas relações, onde as diferenças regionais foram forçadas a um rearranjo, não só por não poderem mais viver isoladas (ou mais isoladas, pois o contato entre elas já existia), como também pelas novas exigências e demandas sociais derivadas das mesmas transformações que comprimem o espaço/tempo de toda a estrutura social do país no período em questão.

Por *capoeira moderna* entendemos a prática que se desenvolveu na segunda metade do século XX, reivindicando legitimidade e exclusividade de origens conforme vai se afirmando como representante da capoeira dentro e fora do Brasil, a ponto de qualquer capoeirista, independente de lugar – e de sua territorialidade específica – reconhecer os discursos, corporais e verbais, de seu interlocutor. Esta modernidade da capoeira está intimamente ligada às diversas transformações da sociedade brasileira, políticas, econômicas e culturais. Hoje a capoeira tornou-se um dos mais importantes “produtos” de exportação e representante da cultura e da identidade brasileira. Está interligada aos circuitos de valorização de culturas étnicas dentro da rede global de cultura. A capoeira moderna é uma conjuntura que se forma a partir de diferentes identidades e territorialidades capoeiristas existentes até meados do século XX, numa cultura que se inseriu (ou vai se inserindo) no mundo globalizado. Já que podemos “dizer que existe uma relação dialética entre a reorganização dos territórios e a reconstrução obrigatória das identidades”<sup>4</sup>, é justamente através dela, desta modernidade da capoeira e de suas reterritorialização<sup>5</sup>, que estas identidades vão sofrer uma forte remodelação, uma nova reinvenção resultando em novas identidades que reivindicam proeminência neste processo de mundialização ou globalização da prática.

O conceito de modernidade é rico e múltiplo em aplicabilidade. Aqui entendemos *modernidade* como um período específico, e que em sua historicidade imprime nos múltiplos espaços um conjunto próprio de características, territorialidades. A modernidade é assunto abordado por diversos estudiosos. Seguindo os passos de Harvey é possível compreender a modernidade através de sua relação com o modernismo. Modernismo como conjunto de movimentos de “artistas, escritores, arquitetos, compositores, poetas, pensadores e filósofos” que procurou compreender a modernidade e de alguma forma intervir neste processo como “vanguarda”. Seguindo tendência etnocêntrica, este processo que se inicia na Europa, vai ser “exportado” para todo o globo e penetrar nas sociedades distintas culturalmente de muitas formas, mas sempre atendendo a lógica das relações centro-periféricas. O Brasil participa da modernidade a partir desta perspectiva que nas últimas décadas chamavam de “terceiro mundo” ou de “subdesenvolvido” que hoje, dentro das novas nomenclaturas para os velhos sistemas de hierarquização internacional dos países, chamam de “emergentes”. Como sendo mais “distante” do centro espaço-temporal do capitalismo sempre está em “atraso” e buscando se aproximar do

---

<sup>3</sup> HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

<sup>4</sup> HENRIQUES, Isabel Castro. *Território e Identidade: a construção da Angola colonial (c. 1872-1926)*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004. p.16.

<sup>5</sup> HAESBAERT HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

desenvolvimento modelo. É o econômico, as relações econômicas, que tomam como dimensão determinante quando evocam esta perspectiva hierárquica do mundo, mas o social sempre está em diálogo com o econômico, como o político (o poder), portanto estes valores e todas as suas formas de representação compartilham de fontes comuns e apontam também para projetos comuns. É com esta “emergência” que a capoeira se projeta no mundo, como “produto”, também, mas como a voz dos brasileiros para as outras culturas, num mundo onde alguns já vêem uma “pós-modernidade”, ou “modernidade tardia, ou ainda uma “modernidade líquida”<sup>6</sup>.

Para a “história do modernismo como movimento estético” a obra de Baudelaire parece ser referencial. Em suas concepções a “modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”. Autores diversos de todo o mundo “enfrentaram e tentaram lidar com essa sensação avassaladora de fragmentação, efemeridade e mudança caótica”. Para aqueles que tentavam dar direção as mudanças a modernidade se ofereceu como um conjunto de desafios e oportunidades. Harvey diz:

“se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas conseqüências. Para começar a modernidade não pode respeitar sequer o seu próprio passado, para não falar do de qualquer ordem social pré-moderna [...] A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes. Uma vanguarda sempre desempenhou, como registram Poggioli e Bürger, um papel vital na história do modernismo, interrompendo todo sentido de continuidade através de alterações, recuperações e repressões radicais. Como interpretar isso, como descobrir os elementos ‘eternos e imutáveis’ em meio a essas disrupções radicais, é o problema”.<sup>7</sup>

A modernidade como recorte temporal pode ser encarada como alicerce e ao mesmo tempo palco das grandes transformações que precedem a realidade globalizante atual. É um período de estruturação de paradigmas econômicos, políticos e culturais que servem como base de sustentação do *modus vivendi* que parece conquistar sociedades por todo o planeta, integrando-as numa grande rede. Processos

“atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”.<sup>8</sup>

Conforme demonstra Harvey o termo “moderno” é mais antigo, mas

“o que Habermas chama de *projeto* da modernidade entrou em foco durante o século XVIII. Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas ‘para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas’. A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas

---

<sup>6</sup> Autores como Harvey, Bauman e Hall são alguns destes pensadores que tentam lidar com as transformações que afastam as sociedades da modernidade que marcaram o mundo nos séculos XIX e XX. A partir da relação entre *modernidade* e *pós-modernidade* eles discutem suas características, seus mecanismos, mesmo que estes autores tenham toda a cautela em aceitar esta “pós-modernidade”, que para eles seria mais uma continuidade, um desdobramento do “moderno” do que uma nova realidade social.

<sup>7</sup> HARVEY *ibidem*, p.22

<sup>8</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP& A, 2001. p. 67

pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária”.<sup>9</sup>

O pensamento iluminista influencia as revoluções burguesas bem como os diversos agentes implicados no também revolucionário processo de industrialização efetivado na Europa a partir de Inglaterra e dos países mais capitalizados que progressivamente comporiam o centro da estrutura capitalista. Estes marcos são referências espaços-temporais tradicionalmente tidas como inauguradores da modernidade.

Alguns dos pensadores que trabalham o tema da modernidade vão enxergar o ideário iluminista com menos otimismo. As brutalidades do século XX vão gerar uma desconfiança em torno do “projeto iluminista” de modernidade. Para alguns, ao exemplo de Horkheimer e Adorno em *The dialectic of Enlightenment* (1972), o “projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão em nome da libertação humana”.<sup>10</sup> Entre o otimismo dos pensamentos iluministas e os protestos daqueles que testemunharam os graves problemas gerados pela aplicação, distorcida ou não, dos projetos de modernidade, ainda é importante para nosso trabalho entender o que é o “moderno” através da perspectiva periférica.

A modernidade no Brasil chega como continuidade, manutenção de dependência política e econômica com o “Velho Mundo”. Os processos modernizantes no Brasil tiveram o tempo característico da marginalidade tanto por conta de sua condição ex-colonial, como por consequência de que sua ex-metrópole já sofrera um “atraso” no quadro europeu. Longe espaço-temporalmente do centro dinâmico do capitalismo, da Europa central e do norte, Portugal já ficava numa posição desfavorável na reestruturação das hierarquias européias, quando o Iluminismo se afirmou como ideologia fonte inspirativa da modernidade e ratificadora das transformações que se processavam. Agarrado às teias do Antigo Regime e a um passado de conquistas Portugal vai perdendo potência e sendo marginalizado no novo arranjo do poder na Europa. O Brasil, e mais especificamente o Rio de Janeiro, ao receber a Dom João VI e a Corte portuguesa em 1808, vai passar por impactantes transformações que já tentavam atender em alguma estância as demandas da modernidade que se estabelecia na Europa.

Por todo o período imperial qualquer mudança mais profunda fora desarticulada pelo imperativo da realidade escravista vigente então. As tensões entre a expansão do capitalismo e os valores e práticas que vão sendo relegadas ao arcaico são identificáveis na constante pressão inglesa sobre o tráfico internacional de africanos escravizados. E apesar de trabalhos importantes ressaltarem o papel crucial da escravidão moderna na acumulação primária de capital que serviu de base para o sistema capitalista, a modernidade só foi tentada como projeto nacional no Brasil, sob iniciativa estatal, a partir da era Vargas. Mesmo com a abolição e a consequente liberação de capital antes preso ao comércio escravista, mesmo com a Proclamação da República em sua branda tentativa de superação dos ainda vestígios do Antigo Regime, não houve um rompimento da situação periférica da economia brasileira na sua relação com o mundo “moderno”, uma economia primário-exportadora refém do mercado internacional.

Na chamada Primeira República a vanguarda modernista brasileira teve papel importante, repetindo o papel pioneiro das vanguardas européias. A *Semana de Arte Moderna de 1922* em São Paulo enfrentou a problemática da modernidade sob as particularidades que caracterizavam o país como periferia de uma Europa onde se buscava tudo copiar. Os desafios de criar novas concepções estéticas se misturavam com o processo de formação da nacionalidade brasileira. Lidar com valores múltiplos que vinham de culturas estrangeiras, consumidas como referenciais e subordinando a culturalidade brasileira, foram os problemas daqueles artistas que redesenhavam as representações do Brasil. Assim o que esta vanguarda tupiniquim nos propôs foi um “antropofagismo” cultural, aonde tendências modernizantes vindas da Europa eram “devoradas” junto e pela cultura brasileira, com forte apelo ao popular, para se regurgitar algo novo. A Semana de Arte Moderna de 1922 teve nomes consagrados como Tarsila do Amaral, esposa de Oswaldo de Andrade, Mario de Andrade, Victor Brecheret,

---

<sup>9</sup> HARVEY ibdem, p. 23.

<sup>10</sup> HORKHEIMER & ADORNO Apud HARVEY ibdem, p. 23.

Anita Mafalhti, Menotti Del Pichia. Os modernistas buscavam romper com os modelos artísticos até então vigentes. Buscavam encontrar uma identidade própria para o brasileiro. “Os modernistas queriam mesmo descobrir o Brasil”.<sup>11</sup> No “Manifesto da Poesia Pau Brasil” publicado no *Correio da Manhã* em 1924, Oswald de Andrade vai propor um abandono dos padrões estéticos, morais, simplesmente importados e que não davam conta da brasilidade. Crítica todo o lustre dado a expressividade nos mais diversos campos do saber, da arte e propõe uma valorização do produto cultural nacional, dos traços que caracterizavam o povo brasileiro que distinguia este dos demais povos:

“O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.”<sup>12</sup>

O que Oswald de Andrade deseja, expresso pelas linhas deste manifesto, não é o descarte das influências ou produções estrangeiras, o que ele propõe é uma produção nacional que possa representar o Brasil de forma original. É a modernidade, mas a modernidade tupiniquim. O manifesto resulta em um livro no ano posterior: *Pau Brasil*. Com a capa ilustrada por uma gravura, de Tarcila do Amaral, da bandeira do Brasil com o lema positivista “Ordem e Progresso” substituído por “Pau-Brasil”, retratando o projeto de conscientização do país sobre sua própria realidade, um olhar para o próprio umbigo. O livro *Pau Brasil* vai por e prática o que se propunha com o manifesto, com Oswald de Andrade voltando de Paris e descobrindo “deslumbrado, a sua própria terra”.<sup>13</sup> Mais tarde este processo de auto-descobrimto do Brasil vai resultar, em 1928, no famoso *Manifesto antropófago*, com o lema *Tupy or not Tupy, that is the question*.

Na busca pelo “imutável e eterno” a idéia de “destruição criativa”, como o meio de se alcançar os fins desejados de racionalização dos espaços, homens como Haussman empreenderem a demolição e a construção de cidades inteiras dentro das concepções modernistas. No Brasil tivemos o exemplo do prefeito Pereira Passos que dentro do contexto da *Belle Époque*, que estava presa a dependência cultural do Brasil com a Europa, mais particularmente com a França, empreendeu uma remodelação da cidade do Rio de Janeiro. Esta passou pelo “bota-a-baixo” que apagava o registro arquitetônico de um passado indesejado, uma memória representada também nas paredes dos velhos casarios coloniais, moradia de grande parte da população pobre da sociedade carioca no início do século XIX. As reformas de Pereira Passos não mexiam apenas na arquitetura da cidade, também imprimia uma reterritorialização forçada sob as demandas de uma maior hierarquização do espaço urbano. Imprimia no espaço re-urbanizado do Rio de Janeiro uma hierarquia que reservava o Centro ao comércio, aos prédios públicos, aos cafés e clubes da alta sociedade carioca, abria o caminho para a Zona Sul que se projetava como espaço nobre, sendo os subúrbios que apontavam para o norte da cidade, que então compreendia a região do Mangue depois do Campo do Santana, reservado a população mais pobre. Não é coincidência que é a Praça Onze ficaria conhecida como “Pequena África”, diáspora baiana que viária a ser o berço do samba, lar das famosas tias baianas, importante território da cultura popular. Neste ambiente a capoeira também passava por uma “reforma”, ou melhor, por sua desarticulação levada a cabo pela polícia do infante regime republicano, após um século de crescimento e afirmação social.

Um dos traços marcantes da modernidade é a centralidade do urbano. É nos centros urbanos que todos os domínios – social, econômico, político, cultural – sofrem prioritariamente as transformações modernizadoras. As cidades, metrópoles, as capitais, são os principais cenários e epicentros donde a modernidade se gera, se expande, é criticada, apropriada, é reinventada. São os modelos de espaço privilegiados pelo pensamento e lógica

<sup>11</sup> GOMES, Renato Cordeiro. Brasil à vista! In: *Revista de História da Biblioteca Nacional* nº 5. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, nov-2005.

<sup>12</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 18-03-1924.

<sup>13</sup> GOMES ibdem

capitalista/globalizante. Para nosso objeto é interessante notar que uma das teses de origem da capoeira, amparada por fontes e um trabalho crítico profundo na obra de Carlos Eugênio Soares, principal autoridade dentro da historiografia sobre capoeira no período imperial, é o ambiente urbano<sup>14</sup>. Para Soares a capoeira, ou a *capoeiragem* das antigas e famosas *maltas* que assolavam a cidade carioca por todo o século XIX, teve duas características estruturantes: ela era escrava e urbana. Portanto a capoeira vai aparecer na sociedade, ganhar os noticiários e os registros policiais, primordialmente na capital do Império, e vai estar presente nas primeiras iniciativas de se equalizar o que era periferia do mundo moderno, Europeu, já a partir da chegada da família real portuguesa em 1808. É sintomático que junto com a onda modernizante que atinge a então capital federal da recém proclamada República brasileira, a capoeiragem é perseguida e “morta”, para utilizarmos o termo do historiador Luiz Sergio Dias, como forma de quitar certas rixas entre republicanos e o “Partido Capoeira” e atendendo, também, as demandas do discurso modernizante da alta sociedade carioca e do Estado. A partir de então a sobrevivência da capoeira se dá de forma esparsa na capital, onde a figura do malandro vai dar suporte aquela que fora também a grande manifestação de resistência, primeiro escrava e progressivamente mestiça, pobre e popular na cidade do Rio de Janeiro. Mas aqui a capoeira ainda não se rende as modificações dos “novos tempos”. As tentativas de esportização levadas tanto no Rio de Janeiro como em Salvador, na primeira metade do século XX, vão imprimir lentamente dentro da prática capoeirista marcas que vão por um lado possibilitar a sobrevivência das tradições capoeiristas, mas é claro com custos talvez muito elevados. É o caso da memória da capoeira carioca, que se cala, é “esquecida” dentro das reinvenções feitas na tradição da capoeira já a partir de meados do século XX.

A modernidade para a capoeira possui tempos-espço também perceptíveis através de suas identidades. Entendemos que o que hoje é representado como modernidade é uma meta-identidade que procura dar conta da multiplicidade cultural da capoeira que não é um fenômeno uníssono. Esta tentativa de resolver “o quebra-cabeças”, onde as peças não se ajustam perfeitamente, está consonante com as dinâmicas globalizantes da cultura tipo “aldeia global”. As fontes de onde os agentes modernizadores da capoeira vão beber são justamente as diversas identidades formadas pela experiência capoeiristas em espaços-tempo múltiplos. Na formação das redes de capoeira – com suas tensões de poder – uma tradição bem definida, com uma história oficial e seus ídolos permanentes, foi reinventada. Esta desreterritorialização pode ser compreendida como uma resposta as exigência de um discurso excludente e hegemônico, que representa o tempo de forma linear e simplificadora “incapaz de reconhecer o caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais”<sup>15</sup>.

Estas redes sociais tiveram no Rio de Janeiro importante centro de tensão. Em primeiro lugar a cidade era a capital e centro nervoso da economia e da cultura, desde suas manifestações mais populares até as “refinadas” correntes artísticas e intelectuais desde o período imperial. A capoeira carioca possui sua própria história, que se destaca perante as suas irmãs regionais justamente por esta centralidade da capital na sociedade brasileira, marcada ainda mais pelo caráter eminentemente urbano da capoeira. Esta história tem seu começo ainda no final do século XVIII e adentra o século XIX em franca ascensão. Nos tempos de Dom João VI a capoeira já era tida como um desafio a ser encarado pelas forças policiais. Soares trabalha com esta capoeiragem “escrava” e “urbana” que vai embasar o território onde as temidas *maltas* de capoeira aos poucos vão se formar. Na segunda metade do século XIX a capoeiragem já estava bem estabelecida no quadro social da cidade carioca, sede da corte imperial. Nesta fase no seio da capoeiragem o mestiço começa a ganhar projeção à medida que o elemento escravo vai decrescendo em sua hegemonia dentro da prática. As *maltas* agora se rearticulam em duas grandes “nações”: *nagoas* e *guaiamus*. É na segunda metade do século XIX que a capoeiragem carioca vai alcançar o seu auge, estando presente no jogo político da Corte, servindo e se servindo de alianças com políticos, enfrentando e negociando com as forças policiais, conquistando poder através da atuação na Guerra do Paraguai, na formação da Guarda Negra, e

---

<sup>14</sup> SOARES, Carlos Eugêni Libano. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

<sup>15</sup> HAESBAERT ibdem

formando o que Soares vai chamar de o “Partido Capoeira”. Com a Proclamação da República a capoeiragem das maltas vai sofrer um duro golpe liderado pelo chefe de polícia Sampaio Ferraz o “Cavanhaque de Aço”. Durante a primeira metade do século XX a capoeira, no Rio de Janeiro, vai sobreviver de forma mais esparsa. Ela já não se apresenta sob a forma institucional das maltas, que mobilizavam um grande número de grupos, seus principais agentes agora são considerados também “malandros” e atuam de forma mais isolada. De forma paralela houve um esforço de intelectuais, memorialistas, cronistas, folcloristas, de fazer da capoeira representante da brasilidade. Em certa medida amparada pelas penas dos homens das letras outros agentes procuravam passar a capoeira pelo crivo da esportização. Exponente máximo desta prática da capoeira sob os paradigmas do mundo dos esportes internacionais, Sinhozinho (Angenor Moreira Sampaio) ensinava a velha arte da capoeiragem já na década de 1920, em sua academia no bairro de Ipanema (mudando de endereço muitas vezes), junto com outras atividades físicas e esportivas, como levantamento de peso e judô. Era uma espécie de centro esportivo, improvisado em terreno baldio, onde Sinhozinho inventava aparelhos, técnicas, métodos de treino. É importante ressaltar que na Bahia, mestre Bimba, também levaria a cabo um projeto de esportização da capoeira que vai culminar no que ele batizou de “Capoeira Regional”. Há um debate muito interessante sobre a proeminência dos dois personagens na iniciativa de fazer da capoeira um esporte, a “Ginastica Nacional”. Estudiosos como Lopes apontam o papel de destaque que tiveram os manuais de capoeiragem que foram publicados no primeiro quinquênio do século XX. Ressaltando o livro de Zuma Bularmaqui, “*Gymnastica Nacional, a Capoeiragem*”, publicado no Rio de Janeiro em 1928 divulgava a capoeira “utilitária”, “estilo Sinhozinho”, que segundo Lopes e as fontes jornalísticas que nos dispõe teria servido de “fonte inspiradora para a criação da Gymnastica Regional Baiana” de mestre Bimba. Estes manuais teriam sido pioneiros ao propor uma estruturação esportiva para a capoeira, método de ensino com a descrição de cada golpe, cada movimento.

Na chamada “era Vargas” vai se desdobrar um impulso modernizante do Brasil em seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Getúlio Vargas e seu governo vão ser determinantes para compreendermos parte do “esquecimento” da tradição carioca na sua re-invenção moderna. O período Vargas vai se caracterizado pelas ideologias de Estado (trabalhismo e nacionalismo) onde a população passaria por uma tentativa de modelação. Desde a “morte” da antiga capoeiragem das maltas a capoeira carioca se mantinha nas figuras dos bambas, dos valentões. Com o Estado Novo a capoeira carioca sofre o golpe derradeiro quando o governo Vargas esportiza a capoeira (1937) e indiretamente eleva a vertente baiana como a “mais pura”.

“A escola de capoeira de mestre Bimba é a primeira do país a ser legalizada e há um incentivo às exibições públicas de capoeiristas baianos, sendo a capoeira incorporada à indústria do turismo na Bahia”<sup>16</sup>

Em contra partida no Rio de Janeiro, o Estado Novo identifica no capoeirista carioca a figura do malandro, avesso ao trabalho. Assim podemos também fazer um paralelo do que para o Estado Novo seriam as manifestações populares aceitáveis ou não pelo regime: o samba “do trabalhador” e a capoeira esporte dos baianos, contra o samba e a capoeira (carioca) que enalteciam a figura do malandro. Segundo Reis a “política de valorização moral do trabalho”, incidiu “diretamente sobre a cultura negra do Rio de Janeiro”. É dentro da “ótica marcadamente militarista, disciplinadora e eugenizadora que a capoeira se esportizara” sob os auspícios do Estado Novo.

Este breve resumo da história da capoeira carioca até meados do século XX nos oferece um roteiro de onde apontamos identidades bem delimitadas em suas territorialidades que vão servir de formas variadas as re-invenções das tradições da capoeira numa proposta modernizante. São elas: a *Capoeira Escrava*, da primeira metade do século XIX; a *Capoeira das Maltas*, da segunda metade do século XX; a *Capoeira Malandra*, da primeira metade do

---

<sup>16</sup> REIS, Letícia Vidor de Sousa. *Negros e brancos no jogo da capoeira: uma reinvenção da tradição*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993, p. 64.

século XX; a *Capoeira Esporte*, também da primeira metade do século XX; e a capoeira baiana, que engloba as chamadas “Capoeira Angola” e “Capoeira Regional”, e vão se formar na primeira metade do século XX.

Propomos olhares diferenciados ao conjunto de informações, cada vez mais rico, que nos abrem perspectivas novas sobre a memória e a história da capoeira em sua multiplicidade cultural. A partir dos depoimentos dos alunos do mestre Paraná (Osvaldo Lisboa dos Santos) e de algumas obras que já fazem este necessário enfrentamento do que se consagrou como “tradicional” para a capoeira apresentamos nossa visão dos problemas da “modernidade” da capoeira. Trabalhando o depoimento destes capoeiristas, permitindo “o excluído das narrações identitárias reivindicadas por um grupo, uma minoria, um setor dominante”, se manifestarem.<sup>17</sup>

Estas múltiplas identidades foram resgatadas num processo de crescimento da capoeira a partir de meados do século XX e de formas diferentes serviram e servem como ingredientes para a tradição da capoeira na atualidade. A migração de vários capoeiristas junto aos fluxos que levavam homens e mulheres do norte/nordeste para o sudeste, a procura de melhores oportunidades de trabalho, é o ponto de partida de nosso trabalho. A capoeira que era praticada em Salvador, das escolas *Angola* e *Regional* (primeira metade do século XX), só alcançariam a fama de hoje quando toda a estrutura da capoeira “moderna” estivesse erigida. É verdade que tanto o Estado Novo e a intelectualidade baiana tiveram um papel importante na divulgação e valorização da tradição baiana de capoeira, e também a força da indústria cultural na Bahia, cada vez mais forte e bem estruturada. Mas apenas estes fatores não explicam o sucesso que a tradição baiana alcançou dentro da cultura da capoeira em níveis nacional e internacional. Vários capoeiristas, mestres que formariam suas redes, suas próprias linhagem no Rio de Janeiro, nunca tiveram ligação com as afamadas escolas de mestre Bimba e mestre Pastinha. Então como explicar o tanto que se canta nas rodas de capoeira em homenagem a mestre Bimba e mestre Pastinha? O que estamos querendo dizer é que, primeiro a capoeira se expande no Rio de Janeiro através da formação de grupos de capoeira, muitos fundados por capoeiristas vindos, sim da Bahia, mas que não representavam a bipolaridade capoeirista resumida em *Angola* e *Regional* que ganhou dentro da reinvenção da tradição capoeirista o papel de berço da prática contemporânea. Depois sob as demandas modernizantes capoeiristas que profissionalizavam a capoeira, modelavam a capoeira para inseri-la com sucesso no mercado, vão re-inventar uma tradição da capoeira que, infelizmente esqueceram muitos a favor de poucos. E estes poucos, como representam mestre Bimba e mestre Pastinha, nem sequer foram os beneficiados diretos deste processo. Pelo ao menos em vida, pelo menos financeiramente. Chegando os dois ilustres mestres terminarem suas vidas em dificuldades diversas.

Em meados do século XX a capoeira no Rio de Janeiro, que até então se resumia ainda nos bambas, nos valentões, e ainda nos alunos de Sinhozinho e sua “capoeira utilitária”, vai reiniciar o processo expansivo. Este processo é impulsionado pela chegada de vários capoeiristas da Bahia em migração que buscava a capital com o sonho de uma vida melhor. Este fluxo é típico da atração exercida pelas grandes cidades, e mais ainda das capitais no mundo moderno. Condigo estes capoeiristas trariam não só suas formas de capoeira, como também suas bagagens culturais. As três escolas de capoeira que existiam no Rio de Janeiro na década de 1950 eram: *Grupo São Bento Pequeno*, de mestre *Paraná*; *Academia Bonfim*, do mestre *Mario Buscapé*; e a academia do mestre *Arthur Emídio*. Todas três localizadas na Zona Norte, na região da Leopoldina (antigo nome da estrada de ferro que corta a região), mais especificamente nos bairros de Bonsucesso (Paraná), Higienópolis (Arthur Emídio) e Olaria (Mario Buscapé). Ali esteve o embrião do que nas décadas subsequentes se formaria como capoeira moderna.

Portanto levantamos uma questão: sendo a maioria dos mestres que reestruturam a capoeira no Rio de Janeiro, a partir da década de 1950, e sendo no Rio de Janeiro que estas escolas vão se formar, desenvolver, entrando em contato muitas das vezes com remanescentes das tradições da antiga capoeiragem carioca (caso de mestre Leopoldina)<sup>18</sup>, podemos considerar

---

<sup>17</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.42.

<sup>18</sup> Mestre Leopoldina (Demerval Lopes de Lacerda) aprendeu capoeira com *Quinzinho*, que por sua vez aprendeu a “velha arte” na colônia prisional da Ilha Grande. Mestre Leopoldina fora um dos

esta fase da capoeira, de sua forma de prática, de jogo, de luta, baiana ou carioca? Este dilema é muito parecido com o da origem da capoeira, sendo a dúvida entre ela ser africana ou afro-brasileira. Como argumenta Lacerda o que mestre Bimba faz em Salvador esteve amparado em certa medida pela publicação do livro de Aníbal Burlamaqui e de suas visitas ao Rio de Janeiro e São Paulo, no contato da demanda esportiva, das lutas entre praticantes de modalidades diversas (ao estilo dos atuais vale-tudo) e mais especificamente da infelizmente pouco lembrada escola do mestre Sinhozinho. O que salta a mente quando nos despimos dos sentimentos regionalistas é que a capoeira sempre esteve no trânsito das cidades portuárias e centros econômicos. Mas o que argumentamos é o seguinte: hoje a capoeira que exportada para o mundo teve sua base formada na vivência dos capoeiristas do Rio de Janeiro na segunda metade do século XX. Com seus mestres baianos, que formaram linhagens próprias de capoeiristas, no centro econômico do país, a capoeira passou por um processo de acabamento de sua modernidade. Aqui ela passa a ser não só uma prática lúdica, esportiva mas também profissional. E profissional dentro das demandas do mercado capitalista. Os últimos ajustes que a capoeira enfrenta para poder ganhar o mundo só foram possíveis pelas características territoriais da cidade carioca. Cosmopolita, capital ligada desde o século XVII ao mercado internacional, a cultura internacional. É no contato com o público carioca que a capoeira se modifica, novamente, e completando o que fora iniciado com os esportizadores da prática (Bimba e Sinhozinho) ela pôde atender os requisitos para finalmente ser considerada um esporte (1972)<sup>19</sup>. Apenas quando a população “branca” das grandes cidades do sul, começando pelo Rio de Janeiro, “compram” a capoeira, e passam a integrar os seus quadros que é possível atravessar certas barreiras que limitavam a prática aos seus círculos tradicionais de antes. Ela perde por fim a imagem de “malandragem”, a não ser pelo seu lado romantizado, sua negritude se abrande e a hibridização se completa. Agora a capoeira invade as academias frequentadas pelas classes mais altas, como também continua a ser praticada pelas classes médias e baixas. A capoeira agora é “produto” comercializável a todos. São os alunos dos mestres das décadas de 1950, 1960 e 1970 que conseguem colocar a capoeira de forma satisfatória num mundo que progressivamente quer consumir cultura dentro da rede global. São estes agentes que fazem esta ponte. Por processos análogos passaram o samba e as religiões afro-brasileiras. Guardando mais particularidades com a primeira o intercâmbio entre Bahia e Rio de Janeiro, a circularidade entre as culturas “brancas”, ocidentalizadas das camadas médias e altas urbanas com as camadas populares, resultaram numa reinvenção tanto do samba como da capoeira.

A memória da capoeira é cantada nas rodas, contada pelos mestres e capoeiristas mais “graduados”, como também pelos novos capoeiristas que se alistam nas academias e muitos grupos de capoeira. Estes são o suporte desta tradição oral riquíssima. A oralidade na capoeira é estrutural. Herdeira de cultura africana e de suas hibridizações, uma cultura popular, que encontra nos mecanismos orais suas principais formas de manutenção da memória, da tradição. A oralidade possui peculiaridades como veículo de informação, de valores, de memória. Para a capoeira, uma manifestação hoje representada sempre com sua musicalidade anexada, é praticamente impossível, ou pelo menos empobrecedor, menosprezar sua memória oral.

Estamos trabalhando com os depoimentos dos alunos do mestre Paraná, buscando através da própria convivência com estes capoeiristas, uns ainda ativos na capoeira, outros não, esboçar que metodologia mais apropriada adotaremos. Algum progresso já conquistamos. Eles, os alunos do mestre Paraná, em 30 de novembro de 2008<sup>20</sup> promoveram um encontro, para “relembrem” as experiências na escola de mestre Paraná e de suas vidas. Este primeiro encontro fora possível devido ao interesse e o esforço de alguns destes alunos do mestre Paraná de se reencontrarem “formalmente”, para tratarem da memória desta escola da qual fizeram parte. Mestre *Polaco*, mestre *Malhado*, mestre *Denis* e mestre *Mintirinha* estiveram juntos então no primeiro encontro dos alunos do mestre Paraná, na academia do Grupo Terra, do

---

últimos representantes da capoeiragem carioca, aprendida na rua, exibindo seu vestuário típico, o malandro da década de 1950. Este passou a ensinar capoeira em academias, incentivado pelos capoeiristas que traziam a capoeira para o mundo “moderno”.

<sup>19</sup> A capoeira oficialmente só é reconhecida como esporte em 1972.

<sup>20</sup> Foto do 1º Encontro dos Alunos do Mestre Paraná em anexo no final deste trabalho.

mestre *Mintirinha*, no bairro de Olaria, Rio de Janeiro. Na ocasião alguns poucos capoeiristas de gerações variadas, de graduações<sup>21</sup> também variadas estiveram presentes.

Aproveitando a espontânea iniciativa destes capoeiristas, integrantes de uma das primeiras “escolas” de capoeira no Rio de Janeiro (década de 1950), estamos estruturando quais questões devemos encarar. Assim estamos buscando a narrativa de memória de cada um destes alunos do mestre Paraná, já que apesar de ser sempre coletiva a memória é percebida e trazida à tona de forma individual. Assim a lembrança sobre suas próprias vidas: família, trabalho, religião e é claro capoeira, ganham importante relevância na tentativa de “organizar” estas buscas por memória. Aproximamos-nos assim com cautela, pois apostamos que temos muito mais a ganhar com uma relação entre pesquisador e testemunha que cresça dentro dos valores que regem o próprio grupo (rede social). Sendo pesquisador-aluno e aluno-pesquisador de capoeira cria-se uma série de condicionamentos ao nosso trabalho. Cria, além da preocupação epistemológica, a possibilidade de trabalhar com a História Oral de forma profícua. Como aluno o pesquisador tem acesso a momentos “em tempo real”, ele passa a ser uma das testemunhas. E apesar de não participar do momento histórico em questão (décadas de 1950-60), a contemporaneidade com o testemunho não deixa de pesar no método e reflexões sobre a problemática em trabalho.

“...um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (publicando, por exemplo, suas memórias), quer seja interrogado por um historiador (tornando-se assim testemunha ou ator da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. Esta versão é não só legítima, devendo como tal ser reconhecida (pode um historiador impedir alguém de exprimir-se sobre seu passado?), como também indispensável para todo historiador do tempo presente.”<sup>22</sup>

O processo de reencontro destes mestres de capoeira passa a ser o nosso foco principal, como fonte sobre a memória de mestre Paraná, este esforço por trazer voz a um passado quase esquecido. A inquietação destes senhores tem alguma fundamentação. Questionar sobre as causas desta demanda de memória, em particular deste grupo, é muito produtivo e provocador historiograficamente. Um segundo encontro foi articulado e visou ampliar a participação dos alunos de mestre Paraná. A partir daí passamos a apostar nestes reencontros como espaço privilegiado do debate em torno da memória de mestre Paraná e conseqüentemente da história da capoeira do Rio de Janeiro. No quinto dia de maio, neste ano de 2009, mais uma celebração da memória do mestre Paraná foi realizada novamente em Olaria, na academia do mestre *Mintirinha*<sup>23</sup>. Neste segundo encontro outros alunos da “*escola de Paraná*” vieram rememorar os seus dias de capoeiristas do Grupo São Bento Pequeno. O evento também contou com uma presença mais significativa de capoeiristas na “platéia”, na maioria quase absoluta de descendentes da linhagem de mestre Paraná. Enquanto o primeiro encontro desenvolveu uma pequena roda de bate-papo, este segundo encontro ofereceu uma gama de informações, onde de forma mais esquematizada os alunos do mestre Paraná, passaram a depor suas experiências ao público de capoeiristas, convocados pelo mestre *Mintirinha* a comparecerem como forma de aprenderem as suas raízes. Tivemos a feliz oportunidade de fazer o registro áudio-visual deste segundo encontro, e ainda a chance de conhecer e receber o sinal-verde para tomar o depoimento dos alunos do mestre Paraná que por suas trajetórias pessoais estão mais distantes.

---

<sup>21</sup> As *graduação* é um sistema hierárquico, por onde os capoeiristas se formam desde os alunos iniciantes até o nível de mestre. Estes sistemas variam de grupo para grupo, às vezes seguindo convenções de grupos associados em federações, em confederações.

<sup>22</sup> ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era* IN FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina [Orgs.]. Usos e abusos da historia oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.98.

<sup>23</sup> Foto do 2º Encontro dos Alunos do Mestre Paraná em anexo no final deste trabalho.

No dia 30 do mês de agosto deste ano de 2009, mais uma vez alguns destes mestres, alunos do mestre Paraná, reuniram-se agora na comemoração dos 59 anos de mestre *Mintirinha*. Na verdade neste último encontro eles foram mais convidados do que protagonistas do evento. A comemoração do aniversário do mestre *Mintirinha* já se tornou acontecimento certo do calendário da capoeira do Grupo Terra. Contando com a presença de mestres consagrados na capoeira carioca como mestre *Touro*, mestre *Ifrain*, mestre *Silas* e outros, como muitos capoeiristas de graduações variadas. Nesta ocasião obtivemos um importante contato. Esteve presente a filha do mestre Paraná, dona Célia, a qual conseguimos acesso, já marcando um encontro próximo para “conversarmos” sobre a vida de seu pai.

As preocupações com a memória coletiva deste grupo de capoeiristas e ex-capoeiristas, mesmo de forma diferenciada a cada um deles, sem dúvida é uma busca por identidade. Indivíduos e o grupo, relações que teceram na convivência uma história que esta imbricada na formação da capoeira moderna no Rio de Janeiro. Estamos trabalhando as perspectivas destes agentes de memória. Destes homens em busca de seus passados. De como isso é feito por cada um deles. Destes testemunhos diferentes sobre uma memória de grupo, o conflito entre estes testemunhos. Conflitos por vezes diretos, nos debates ocorridos nestes encontros, outras vezes nascendo do trabalho de crítica historiográfica, onde podemos confrontar estas memórias com a História da Capoeira. A História oficial, e as tantas novas frentes de questionamentos acadêmicos que tem sido propostas ultimamente. Por ora estamos justamente no início deste trabalho. Que sinceramente parece muito promissor. Principalmente pela vontade e ação destes capoeiristas que buscam resgatar o valor de suas memórias mediante o esquecimento fruto da modernidade na capoeira. Este esquecimento parte dos processos de memória. Na seleção individual e coletiva, a narrativa que representa a tradição de uma instituição, como a capoeira, a memória que não contribui para a realidade modernizadora vai sendo desprezada em nome da eficácia final. Os fins aqui justificam os meios. E como atender a necessidade de uma identidade unificada, que possa ser comercializada, que beira os níveis da caricatura e aliena enquanto a multiplicidade de suas raízes? No projeto idealizado por tantos capoeiristas, para uma capoeira de sucesso, mais “moderna”, e ou mais tradicional, conflitos inúmeros foram travados e ainda o são. É nestes conflitos, nestes debates que estamos inseridos.

## ANEXOS



1º Encontro dos Alunos do Mestre Paraná, em 30 de novembro de 2008.  
Da esquerda para a direita: mestre *Mintirinha*, mestre *Denis*, mestre *Malhado* e mestre *Polaco*.



2º Encontro dos Alunos do Mestre Paraná, em 17 de maio de 2009.  
Da esquerda para a direita: em pé mestre *Mintirinha*, sentados mestre *Malhado* e mestre *Bira*, em pé ao centro mestre *Polaco*, sentados mestre *Denis* e mestre *Pé de Valsa*, em pé mestre *Índio*.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Mauricio de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplan/Zahar, 1987.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Introdução à história*. Portugal: Europa-America, 1997.
- BRETAS, Marcos Luiz. *A queda do Império da navalha das rasteiras: a República e os capoeiras*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, mimeo, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Navalhas e capoeiras: uma outra queda*. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC, n° 59, Nov. 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo [Orgs.]. *Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- CARR, E.H. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CONDE, Bernardo Velloso. *A arte da negociação: a capoeira como navegação social*. Rio de Janeiro: Novas Idéias, 2007.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIAS, Luiz Sergio. *Quem tem medo da capoeira? – Rio de Janeiro, 1890-1904*. Rio de Janeiro, Secretária Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001.
- FERREIRA, Izabel. *A capoeira no Rio de Janeiro 1890-1950*. Rio de Janeiro: Novas Idéias, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina [Orgs.]. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* In *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, vol. 22, n. 2, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2004

HENRIQUES, Isabel Castro. Território e Identidade: a construção da Angola colonial (c. 1872-1926). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LOPES, André Luiz Lacê. *A Capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio – Sinhozinho e Rudolf Hermany*. Rio de Janeiro: Europa, 2002.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 02, n. 03, 1989.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *Negros e brancos no jogo da capoeira: uma reinvenção da tradição*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

RONCAYOLO, Marcel. Território. In: ROMANO, Ruggiero (org). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. V.8 (Território).

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890*. Rio de Janeiro: Access, 1999.

\_\_\_\_\_. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIEIRA, Luís Renato. *Da vadiação à Capoeira Regional: uma interpretação da modernização cultural no Brasil*. Brasília: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Sociologia, UNB, 1990.